

Fiesp assume desgaste e nega apoio ao PRN

ROBERTO CUSTÓDIO
Da Sucursal

São Paulo — O empresariado cometeu um erro tático ao anunciar sua adesão no segundo turno ao candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, beneficiando o candidato da Frente Brasil Popular, Luiz Inácio Lula da Silva, segundo confessaram ontem expressivas lideranças do setor que se reuniram na Fiesp para uma palestra do professor Cândido Mendes de Almeida sobre as perspectivas brasileiras a partir da eleição do próximo presidente.

“Não vou falar mais nada. Isso já me complicou demais”, disse constrangido o presidente da Fiesp, Mário Amato, reconhecendo seu erro mas justificando sua posição como a de qualquer cidadão que deseja manifestar sua intenção de voto. Para deixar clara a posição da Fiesp nesse episódio, Amato mandou sua assessoria distribuir nota oficial na qual garante que a Fiesp não vai apoiar Collor, até porque em seu estatuto está proibida de fazer política partidária. A nota lembra que a manifestação do voto de cada integrante do Fó-

rum Informal, na última segunda-feira, ocorreu depois que os jornalistas que participaram de entrevista coletiva na Fiesp também declararam seu voto. “Portanto, nem os empresários falaram em nome das entidades que presidem, nem os jornalistas expressaram o posicionamento dos jornais, revistas e emissoras de televisão nas quais trabalham”, diz a nota.

O **CORREIO BRAZILIENSE** apurou que diante das repercussões negativas do noticiário a respeito do apoio empresarial a Collor, Amato tomou a iniciativa de esclarecer o episódio ao próprio candidato do PRN através de um interlocutor graduado: o presidente da CNI — Confederação Nacional da Indústria —, senador Albano Franco, um dos **colloristas** de primeira hora.

Da mesma forma, o superintendente do Grupo Pão de Açúcar, Abílio Diniz, considerou ter sido um “equivoco” grave dos seus companheiros empresários manifestar o apoio a Collor, embora admita que essa será a opção da maioria empresarial do País diante dos programas dos dois candidatos do segundo tur-

no. “Penso que houve uma certa confusão ao se colocar a posição pessoal como a vontade de uma entidade de classe. Isso não aconteceu e nem pode acontecer”, afirmou. Para Diniz, os empresários neste momento deveriam lutar para os candidatos explicitarem suas propostas de governo, facilitando ao eleitor o voto consciente.

Mas o ex-deputado Nelson Marchezan, que foi líder do governo do general Figueiredo na Câmara dos Deputados, bateu duro nos empresários. “Ora, se a declaração acabou beneficiando a postura de Lula na campanha, é claro que ela prejudicou Collor”, afirmou. Para o ex-deputado, que já **colloriu** e deve promover as primeiras manifestações populares de apoio ao candidato do PRN no Rio Grande do Sul, a partir desta sexta-feira, as manifestações empresariais foram um “erro gravíssimo” do ponto de vista eleitoral. “O que o Lula mais quer é que Collor seja caracterizado como candidato do governo, da **Rede Globo** e dos empresários. Com essas declarações, ele já conseguiu uma parte”, queixou-se.

F. GUALBERTO



Valente (D) apoiou Afif (E) e agora admite que está deixando de apoiar Collor apenas de forma ostensiva